

1º CICS

CONGRESSO INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE



TRABALHOS
PREMIADOS

2023




CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

1º CICS | CONGRESSO INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE

**TRABALHOS
PREMIADOS
2023**





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE APOIO PEDAGÓGICO - NUAPE
PROGRAMA DE EXTENSÃO

Publicado por Editora LESTU

Design Gráfico: Ana Kelma Cunha Gallas

Capa: Odrânio Rocha

Diagramação: Kleber Albuquerque Filho

Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA

E-mail: cics@unifsa.com.br

Este título possui uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). A íntegra dessa licença pode ser acessada: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2023 UNIFSA Todos os trabalhos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados no Congresso Internacional Ciência e Sociedade (CICS) 2023, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento. <https://unifsa.com.br/cics2023/publicacoes/>

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

1° CICS [livro eletrônico] : Congresso Internacional Ciência e Sociedade : desenvolvimento humano e social : das ideias às práticas : trabalhos premiados 2023/ Centro Universitário Santo Agostinho - UNIFSA [organização Ana Kelma Cunha Gallas, Alisson Dias Gomes, Izabel Herika Gomes Matias Cronemberger]. -- São Paulo : Lestu Publishing Company, 2023. -- (Trabalhos Premiados do Congresso Internacional Ciência e Sociedade ; 1)

514 p. *online*

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-65-85729-05-5

DOI: <https://doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-05-5>

Disponível em: <https://lestu.org/books/index.php/lestu/catalog/book/17>

1. Ciência - Congressos - Brasil 2. Congressos 3. Desenvolvimento humano 4. Desenvolvimento social 5. Divulgação científica I. Gallas, Ana Kelma Cunha. II. Gomes, Alisson Dias. III. Cronemberger, Izabel Herika Gomes Matias. IV. Série.

23-182727

CDD-501

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências : Divulgação 501

Tábata Alves da Silva- Bibliotecária- CRB-8/9253



A Lestu é uma editora que acredita na Ciência Aberta. Permitimos a leitura, download e/ou compartilhamento do conteúdo desta obra para qualquer meio ou formato, desde que os textos e seus autores sejam adequadamente referenciados.

EDITORA LESTU

Editora, Gráfica e Consultoria Ltda

editora@lestu.org

www.lestu.com.br

[@lestu_editora](https://www.instagram.com/lestu_editora)



Trabalhos premiados 2023



16

TECENDO SUBJETIVIDADES: o legado de mussum e o racismo recreativo¹

**EDSON RODRIGUES CAVALCANTE²
MONALISA PONTES XAVIER³**

1 Trabalho premiado no Grupo Temático 24- Processos Psicológicos e Subjetividades, do 1º Congresso Internacional Ciência e Sociedade, promovido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, de 4 a 7 de outubro de 2023.

2 Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPI). Graduado em Biblioteconomia (USP). Professor do curso de Biblioteconomia (UNIRIO).

3 Doutora em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professora do curso de Psicologia (UF-DPar) e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, Identidades e Subjetividades (NEPCIS).

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de um esquete do programa humorístico “Os Trapalhões”, líder de audiência nas décadas de 1970-1980. O objetivo é analisar os processos de subjetivação forjados pelo racismo recreativo na atuação do personagem Mussum, um dos componentes do quarteto trapalhão, uma vez que interpretava um personagem racista. A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo (AC), que, segundo Bardin (2016), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. Os resultados alcançados permitiram verificar que os quadros humorísticos do programa faziam (re) circular (re)criações subjetivas racistas que tinham no personagem Mussum o seu ponto de apoio. Em consequência, na atual sociedade midiaticizada, é possível observar muitos desses processos de subjetivação que perpetuam as representações humorísticas derogatórias sobre as pessoas negras.

Palavras-Chave: Racismo. Racismo recreativo. Subjetividade. Processos de subjetivação. Programa humorístico.

INTRODUÇÃO

Este artigo é oriundo de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (PPGCOM-UFPI). Trata-se de um estudo aprofundado na área de mass media, situado nas décadas de 1970 e 1980, sobre o programa infantil “Os Trapalhões”, transmitido pelo canal hegemônico na época. Importante salientar que, durante a ditadura, a Rede Globo de Televisão foi a rede nacional que mais ganhou dividendos – com uma colaboração estreita com o regime militar – em que foi beneficiada pela política de incentivos fiscais e pela

proteção política, em troca de sua cobertura jornalística que não focava as mazelas sociais do país.

Dentro desse contexto, o programa “Os Trapalhões”, exibido pela Rede Globo entre 1977 e 1994, foi um dos programas de entretenimento popular líder de audiência e serviu para a emissora consolidar a sua posição de poder no período. No entanto, é importante ressaltar, que a ênfase na comédia e no entretenimento era uma forma de escapar da censura do regime e evitar críticas diretas ao governo. Dessa forma, a trupe trapalhona⁴ faziam piadas em torno de estereótipos e preconceitos sobre negros, nordestinos, mulheres, gays etc., mas evitavam fazer críticas políticas ou sociais que pudessem ser consideradas subversivas.

Sobre o racismo, o programa humorístico atingia audiência exorbitante, sem que nenhuma voz dissonante evidenciasse a presença de piadas violentas de cunho racial. Talvez, o impeditivo tenha sido a Rede Globo em não querer pautar o debate nacional, uma vez que o humor caricatural e sem filtros era visto como uma das pratas da casa e o elenco era campeão de bilheteria nos cinemas. Em consequências, as ofensas racistas – “crioulo, negão, fumê, macaco, morceirão, fuscão preto, azulão, cromado, boi da cara preta, galinha de macumba, fumaça, Kunta Kinté, urubu sem asa, Tia Anastácia e Veio Zuza, dentre outras” – recorrentemente dirigidas ao personagem Mussum, tornar-se-iam naturalmente pedagógicas em doutrinar gerações de brasileiros que conviveram, uma vez por semana, com o programa.

No trabalho dissertativo, discuto como o nascimento do personagem Mussum⁵ ocorreu dentro de um contexto racista, e

4 Didi, Dedé, Mussum e Zacarias (nota explicativa)

5 Foi Grande Otelo quem o batizou com o apelido em um programa televisivo na época. Muçum era um apelido racista muito comum, um equivalente a macaco ou “buiú” (moleque de morro, geralmente retinto), entre outros que reforçavam a relação da cor da pele com animais ou com a bandidagem. (nota explicativa).

como esse nome de batismo subverteria para sempre o nome do sambista em ascensão Carlinhos Reco-Reco, membro do grupo “Os Originais do Samba”. Esse nome se fixaria para nunca mais largar. Mais tarde, ele foi incorporado ao quarteto trapalhão como parte de um projeto deliberado para atrair público, seguindo a lógica de que a inclusão de um afrodescendente – como eram feitos nos sitcoms (situation comedy ou comédia de situações) estadunidenses, fonte de inspiração para o programa “Os Trapalhões” – era uma garantia de muitas risadas e muito sucesso.

Uma vez inserido no elenco, o personagem Mussum performatizaria diversas (re)criações subjetivas – a partir de marcadores racializados comumente associados às pessoas negras em piadas depreciativas – que converteria o seu corpo como fonte de riso, ao explorar estereótipos raciais e reforçar preconceitos de forma caricatural. Em consequência, essas performances – inseridas na lógica dos esquetes protagonizado pelo Mussum – teria por objetivo último perpetuar os desenhos dos corpos negros como encarcerados também no riso, que buscariam delinearlos subjetivamente como inferiores e dignos de zombaria.

Somente para lembrar, o termo “racismo recreativo” foi cunhado pelo professor de direito Adilson Moreira (2019) e refere-se às “piadas” e às “brincadeiras” que, aparentemente, são inofensivas em um meio rotineiro de interação social, mas que possuem um cunho racial em que associa as características físicas e culturais das pessoas negras como algo inferior ou desagradável. Portanto, o humor não nasce isolado de seu contexto cultural, sendo operacionalizado de acordo com esses significados existentes nas mensagens, que circulam nas interações entre os diversos indivíduos que compõem uma sociedade.

Moreira (2019) ainda elucida que o racismo recreativo deve ser visto também como um projeto de dominação, que procura

promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais, por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial. O racismo recreativo decorre da competição entre grupos raciais pela estima social, sendo que ele revela uma estratégia consciente empregada por membros do grupo racial dominante para garantir que o bem público da respeitabilidade permaneça um privilégio exclusivo e restrito às pessoas brancas.

Tomando como base o trabalho de Siebra (2005) sobre os estereótipos e preconceitos que circulavam no programa “Os Trapalhões”, o estudo elencou alguns elementos constitutivos de modos de subjetivação, a partir do humor racista, para (re)criações subjetivas reproduzidas pelo personagem Mussum:

[...] Também foi Mussum (em 67% das vezes) quem mais protagonizou cenas de agressão física (30% no total) – estereótipo do “negão ameaçador”? –, seguido do personagem “alemão” – estereótipo nazista? –, com 33% das ocorrências [...] todos os personagens eventualmente vertiam um ou outro gole, porém foi Mussum que, em 99% das vezes, fez apologia à “birita” – o que ajuda a delinear a figura do negro como “bebum”. Em 99% dos esquetes que aparecia o personagem Mussum, ocorriam piadas racistas envolvendo algumas ofensas ou situações de cunho racial. (SIEBRA, 2005, p. 66-68).

Dessa maneira, o tracejado da pesquisa buscou responder à questão problema: como o racismo recreativo, presente na atuação do personagem Mussum no programa “Os Trapalhões”, contribuiu para a formação de subjetividades racistas? Posto que, esses atravessamentos não se restringiram apenas às décadas de 1970 e 1980. Na atual sociedade midiática é possível observar muitos desses processos de subjetivação⁶ – tendo o próprio Mussum

⁶ Processo de subjetivação ou modo de subjetivação é todo o jogo de poder nas relações que visa promover tipos de subjetividades que são moldadas de acordo com determinados interesses presentes no discurso (LEMOS, 2007)

como protagonista póstumo – que perpetuam as representações humorísticas derogatórias sobre as pessoas negras.

A relevância do estudo proposto foi compreender os processos de subjetivação atravessados pelo racismo recreativo não como um fato isolado, mas sim em uma razão operacionalizada pelo racismo enraizado no período colonial e cuja multiplicidade rizomática teve adesão em todos os dispositivos sociais antes e após a Abolição. No entanto, muito além de ser um processo social, histórico e político, o racismo possui um continuum na produção de subjetividades, cujas consciências e afetos são constantemente moldados de acordo com narrativas estereotipadas e generalizadas (ALMEIDA, 2019).

Nessa perspectiva, Rolnik (2018) apresenta o conceito de “Inconsciente Colonial- Capitalístico” (ICC), uma noção que abarca as interpretações dominantes e hegemônicas que perpetuam a posição estruturalmente atribuída às pessoas negras, privando-as de serem protagonistas de suas próprias histórias. Desde os tempos da escravidão até os dias atuais, o ICC opera com uma influência inabalável e uma pulsão persistente – mantendo viva a dinâmica psíquica da escravidão que ainda não terminou – a partir de subjetividades esvaziadas ou moldadas pelos códigos da branquitude. Nesse sentido, a autora ainda aponta que um corpo esvaziado de sua subjetividade, não possui a potência da singularidade, ou seja, a força vital de criação e cooperação canalizada para a construção de mundos segundo seus desígnios. Ao contrário, tornar-se-á uma tela branca sobre a qual projetará a razão de seu mal-estar, convertendo ódio em ressentimento.

A importância do estudo para o campo da Comunicação foi em entender como a produção de mass media impactou e consolidou alguns aspectos do racismo recreativo na sociedade brasileira. O trabalho partiu da perspectiva de que a esquematização de personagens negros no programa “Os Trapalhões” era a (re)

circulação de velhos discursos racistas que buscavam (buscam ainda) produzir e perpetuar efeitos de verdade sobre os grupos não hegemônicos, especialmente as pessoas negras, e que o próprio personagem Mussum representava o ápice dessa mensagem, uma vez que ele interpretava um personagem também racista. Esses efeitos tinham como objetivo também forjar subjetividades e reciclá-las no intrincado jogo de dominação e de resignação para naturalizar o preconceito e a discriminação racial naquele período históricos, com desdobramentos no presente.

Sobre o racismo, coloco no trabalho como fonte de estudo dois autores que realizaram abordagens díspares sobre o tema, cito: Gilberto Freyre (2003; 2010; 2015) e Darcy Ribeiro (1986; 2006). Coube principalmente a Gilberto Freyre (1900-1985), na sua prosa sociológica, a disseminação de conceitos problemáticos para a negação do racismo brasileiro, dentre eles: o mito de que o Brasil é uma grande democracia; a ideia de mestiçagem como padrão de nossa raça; e a cordialidade como um padrão de comportamento que camufla as diferenças e as práticas de violência diárias cometidas contra os grupos não representados.

Cumprido apontar, contudo, que Ribeiro (2006), ao contrário de Freyre, não compreendeu a miscigenação e o mito da democracia racial como processos que se desenrolaram de maneira pacífica na sociedade brasileira. Pelo contrário, o autor evidenciou a violência direta, sexual e estrutural do processo de miscigenação antidemocrática conduzido por meio da subjugação da massa de indivíduos constrangidos – por meio de violências físicas e psíquicas – para gerar sujeitos depreciados e desumanizados, principalmente as pessoas negras que tinham contato direto com os colonizadores nos grandes centros.

Para abordar os processos de subjetivação, utilizei os escritos de Deleuze (1988) e Guattari (1981) que destacam a importância da

experiência subjetiva em um contexto social e histórico específico. Para eles, a subjetividade é um processo que se desdobra em uma multiplicidade de formas e expressões, que emergem da interação entre indivíduos, instituições e estruturas sociais. Rolnik (2018) que afirma ser o racismo uma prática micropolítica inserida no habitus inconsciente das pessoas nas relações cotidianas. Já Foucault (2020) destaca a importância do poder em produzir e moldar as subjetividades, que se desdobram em relações de poder e em formas de resistência.

METODOLOGIA

Antes de abordar o racismo recreativo como um território passível de estudo, foi necessário selecionar a ferramenta mais adequada para realizar a pesquisa, bem como identificar o conjunto de estratégias que possibilitaria alcançar os resultados desejados. Nesse contexto, foi optado pela Análise de Conteúdo (AC):

A Análise de Conteúdo (AC) é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 18).

A AC é uma técnica amplamente utilizada em pesquisas sociais e humanas, que permite ao pesquisador analisar e interpretar dados qualitativos, como textos, discursos e imagens, de forma sistemática e objetiva. A AC se baseia na identificação de temas, categorias e padrões nos dados coletados, visando compreender a mensagem subjacente aos dados. Não se pode esquecer que AC é realizada em etapas, começando com a seleção dos dados, seguida pela codificação e categorização dos dados, e finalizando com a interpretação e análise dos resultados.

Nos estudos sobre a comédia trapalhona, Siebra (2005), Barreto (2014) e Carrico (2020) destacam uma diversidade de estereótipos que aparecem em diversas cenas e situações nos programas. Em muitos quadros – a construção da piada racista e os sentidos que ela emprestava, não estava apenas nos ditos ou não ditos discursivos contidos nas narrativas – ocorriam todo um suporte não-linguístico que podia ser visto na ambiência, nas expressões faciais, no posicionamento de câmera, no tempo de desempenho de cada personagem e até mesmo nos grunhidos.

Inicialmente, na leitura flutuante do material, existia um universo de 47 esquetes que formavam uma espécie de quebra-cabeça. Apesar da presença do personagem Mussum e outros personagens do programa “Os Trapalhões” nos materiais selecionados, eles careciam de conexão e plausibilidade entre si. O objetivo era selecionar um conjunto de esquetes adequado para uma pesquisa qualitativa. Portanto, foi necessário agrupá-los de forma coerente e criteriosa para garantir a validade e confiabilidade dos resultados da pesquisa. Nas diversas revisões de inclusão e exclusão, o material foi reduzido a um universo de nove esquetes, totalizando 38 minutos e 57 segundos de material audiovisual para pesquisa, o que foi significativo para levantamento de pontos para reflexão.

No entanto, seria necessário elencar alguns eixos temáticos relacionados aos processos de subjetivação necessários à pesquisa. Não foi necessário ir longe, uma vez que diversos autores apresentam esses processos em suas obras. Na busca, Moreira (2019) elenca aprioristicamente nove modalidades de processos de subjetivação categorizadas que operacionalizam o racismo recreativo: a manutenção do status; a gratificação psicológica; a representação positiva de si mesmo (brancos); estereótipos derogatórios explícitos; as microagressões; a pedagogia da subordinação racial; a autodiscriminação; antipatia social; e a dimensão institucional.

Após esses procedimentos de constituição da base de análise, o que Bardin (2016) vai denominar de CATEGORIZAÇÃO – que envolve a organização dos dados em categorias temáticas ou conceituais para facilitar a identificação de padrões e significados – manifestou-se outra categoria de análise que também foi configurada como processos de subjetivação. Nisto, Bardin (2016) explica que a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador tenha condições de adaptação às circunstâncias cíclicas e mutáveis durante o processo de coleta e análise de dados.

Para tratamento das informações, optou-se pelo uso do MAXQDA. O aplicativo é uma ferramenta amplamente utilizada por pesquisadores, estudantes e profissionais em todo o mundo para análise de dados qualitativos e mistos. Além de trabalhar em ambas as plataformas Windows e Mac, o software é altamente flexível e pode lidar com variados tipos de dados, como entrevistas, artigos, imagens, vídeos, áudios, bibliografias, tweets e até mesmo dados estatísticos complexos. Este trabalho propõe a utilização do aplicativo para sistematizar as etapas da AC, desde a análise de conteúdo em multimeios até a sistematização dessas informações em tabelas e gráficos visuais.

A condição básica para a utilização do MAXQDA é que o material a ser utilizado tenha passado por um tratamento das informações, no caso os esquetes desta pesquisa foram compilados em formato textual para a análise de categorias por meios das quais foram classificadas (ver novamente a tabela 1). Essas categorias foram construídas no aplicativo de códigos. Uma vez elaborados, os códigos ou a estrutura de codificação, a maioria do processo de pesquisa com o MAXQDA consiste no exercício de codificar os materiais, ou seja, “rotular as passagens dos dados conforme o que eles tratam ou com outro conteúdo”.

Para explorar os dados, após inserção no MAXQDA, foi utilizado os procedimentos metodológicos aplicados sobre o material inserido e codificado. Em seguida, foi examinado cada registro isoladamente, buscando as unidades de significação a partir dos temas identificados. Apesar de todo o suporte tecnológico oferecido pelo MAXQDA, essa parte se configura como um trabalho artesanal de análise, uma vez que envolve do analista o conhecimento e a contextualização referencial teórico sobre o material estudado na AC.

Por conseguinte, após a inserção dos nove esquetes, foi possível identificar os diversos contextos e criar rótulos. Buscou-se identificar o local, a temporalidade e o contexto histórico. Em seguida, foi lida cuidadosamente cada frase transcrita, buscando congruências, contextos, relações semânticas e significado entre elas. Os textos foram separados também por cores diferentes e categorizados com legendas para identificar os diferentes temas que foram surgindo ao longo da análise.

Um dos Temas Emergentes (TEs) foi “Os processos de subjetivação e os estereótipos raciais” muito associado a três pontos de análise: Gratificação psicológica - Ofensas ou insultos; Gratificação psicológica – Provocações; Estereótipos derogatórios explícitos - Associação de pessoas negras aos animais. Esses pontos estão presentes no esquete 1 (<Esq1>) que será apresentado nos resultados e discussão deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[<Esq1>](#)⁷

AMBIENTE: Oficina

- Olha menino, vou fazer uma satisfação aqui que esse carro não vai ferver nunca mais! Dedé dá uma bronca:
- Espero, espero!! E depois pergunta: – Cadê o ma-

⁷ https://www.youtube.com/watch?v=6lbMsZBC6r8&ab_channel=MoisesL.

caco, heim!?!? Zacarias responde: - Sei lá onde você enfiou o **macaco**!! Dedé retruca deslocando para lateral do carro: - Mas, você é desorganizado hein, rapaz!! Gritando, Dedé procura pelo **macaco**. - Cadê o **macaco**!? Onde está o **macaco**!? Dedé se agachado lado do pneu traseiro do carro e grita para debaixo do carro: - **Macaco** tá aí!?!? Surge Mussum deitado em cima de uma plataforma e responde: - **Tô!!! Mas macaco é a tua mãe!!** (MOISÉS, [2011?], grifo nosso).

Bona (2016) afirma que a maioria dos trabalhos em televisão e no cinema produzido pela trupe trapalhona eram paródias de outras produções (geralmente estadunidenses), mas nunca em sua totalidade e sim como referência intertextual, que depois seria pasteurizada para se aproximar do imaginário popular e que fosse a gosto da população. Os príncipes encantados e princesas, até mesmo super-heróis (como o super-homem, o super-herói do bem comumente associado ao Didi), fundiam-se na comédia trapalhona para dar espaços a novos discursos, que era o motor de seus esquetes.

Não obstante, olhando essas estruturas – permeadas de novos e velhos sentidos ideológicos, no que diz respeito também à violência racial – vemos uma série de repetições, elementos e situações que são comuns a todas elas: o protagonista branco (cômico) principal e os companheiros que gravitam em torno dele. Quando estão em cena, Mussum e Didi são antagônicos. Eles trocam ofensas raciais e xenófobas (até se tornou uma característica do dois durante algum tempo) sempre procurando ridicularizar alguma característica de um do outro: a nordestinidade do Didi e a negritude do Mussum.

De maneira preponderante, Didi sempre se sobressaia aos demais companheiros, principalmente ao personagem Mussum – a vítima preferencial e direta das afrontas racistas que lhe eram dirigidas – em uma disputa que parecia não haver trégua. No esquete <Esq1>, vemos Dedé e Zacarias no exercício da cordialidade branca, uma das características do pacto da branquitude. Eles se dirigem a

um personagem oculto chamando-o de macaco (que aparecerá ao término da piada). Segundo Almeida (2019, p. 20), ser comparado a animais é uma tônica muito comum no racismo e incorpora o velho sentido herdado do ICC, de que as pessoas negras eram “sem história, bestiais e envoltos em ferocidade e superstição”, característica que são desumanizadoras.

Contudo, ser comparado a animais incorpora outros sentidos, dentre eles, o de colocar o racionalismo europeu como padrão cultural universalmente aceito e renegar outros povos à periferia desse sistema. Nisto, Fanon (2020) explica de maneira controversa ao apresentar as impressões dos europeus sobre os povos da África colonizada: o negro representava o instinto no seu estágio mais latente (não educado), assim como a potência genital acima da moral e das proibições, o que eram para eles comportamentos de animais irracionais. Portanto, ser comparado a qualquer outro animal é uma representação da irracionalidade e da incivilidade.

Ainda seguindo Fanon (2020), ele diz que esse espelhamento do que as pessoas negras são foram carregadas no inconsciente, que em si não é uma simples herança cerebral, mas aquilo que ele designou como imposição cultural irrefletida, que foi uma das consequências diretas das práticas colonialistas. Esse pensamento atravessou o Oceano Atlântico e aportou no Novo Mundo como um padrão de comportamento, criando diferenciações marcantes que repercutem nos modos de subjetivação que a pessoas negras se veem.

No esquete (<Esq1>), percebemos uma questão importante sobre o posicionamento espacial. Vemos que o posicionamento do Mussum em relação aos demais é inferiorizada. Essa escolha de câmera não é ao acaso, serve também a mostrar a hierarquia de poder entre os componentes do grupo, evidenciando a exclusão e a relação assimétrica entre os componentes. Os colegas brancos

(Dedé e Zacarias) são vistos em uma perspectiva superior e Mussum é colocado abaixo no esquete.

Hall (2017) posteriormente vai definir esse enquadramento de câmera como “enquadramento hierárquico”, que se trata de uma técnica utilizada para reforçar os estereótipos raciais para a manutenção da superioridade branca. Em comédias racistas, por exemplo, era comum que os personagens brancos fossem enquadrados de cima para baixo; enquanto os personagens negros eram filmados de baixo para cima, dando a impressão de que os brancos estavam em posição de superioridade intelectual e física.

Nesses quadros, vemos que Mussum expressava sua revolta deixando claro a estrutura básica do sistema opressor que buscava sempre o inferiorizar. Neles, as imagens associativas que eram criadas procuravam sempre o aproximar mais de animais do que de seres humanos. Segundo Moreira (2019), esse tipo de piada racista relacionado a animais era recorrente no repertório de humoristas brancos e houve uma época que alcançavam um índice elevado de popularidade, o que fazia recircular os estereótipos e os estigmas raciais.

São diversos tipos de comparativos que buscam aproximar o Mussum dos animais. Algumas comparações mais antigas são diretas (macaco e urubu, por exemplo) e outras seguem indiretamente (azulão ou índigo). Mas todas remetem a ideia de que as pessoas negras são menos humanas ou mais próximas dos animais, sendo uma construção ideológica que serviria apenas para justificar a opressão e a exploração colonial, que se perpetuou como modo de subjetivação até a atualidade com consequências danosas.

A figura atribuída ao personagem Mussum adere ao que Fanon (2020) caracteriza como um arquétipo clássico de comportamento, conforme descrito em um estudo do século XIX. Aos olhos de muitos brancos, as pessoas negras eram vistas como uma antítese de seu

próprio eu agitado: apresentando traços de alegria, sociabilidade, expressividade verbal, relaxamento muscular, ausência de tédio ou apatia, exibicionismo desinibido, ausência de autocomiseração (mesmo em meio a uma dor intensa) e fluidez emocional.

Observamos também que havia uma suposta cordialidade entre os brancos, no entanto, era perceptível que a permanência somente ocorria quando as diferenças de status entre as pessoas negras e as pessoas brancas eram mantidas. Qualquer violação nessa ordem, qualquer faiscar de conflito deflagrado pelo Mussum era motivo de reações racistas imediatas. Apesar de amigos, “o amigo negro” era somente aceito na trupe se ele se esquadrasse nas regras assimétricas da amizade, ou seja, que ele aceitasse naturalmente a condição de sujeição na hierarquia que lhe era imposta.

Ao adotar as ideias de Fanon (2020), torna-se possível constatar, no esquete em questão, a supressão da perspectiva e vivência do personagem Mussum diante dos outros, o que culminava na desestruturação de sua identidade sob a égide de modos de subjetivação que se correlacionavam aos estereótipos depreciativos sobre pessoas negras. A frequente presença de personagens brancos nos quadros, que exerciam poder e objetificavam a performance de Mussum, reforçava a reprodução da sociedade brasileira como um sistema de referência hegemônico.

Barros (2019) ainda aponta que, a objetificação das pessoas negras acaba por destruir sua subjetividade, reduzindo-o a uma mera condição subalterna. Isso leva o indivíduo negro a redescobrir seus próprios limites e a reconhecer-se como tal, o que muitas vezes não era possível antes. O problema é que, ao resistir a essa objetificação racista, o indivíduo negro acaba por carregar consigo as referências do mundo branco dominante – como preconceitos, taras raciais e fetichismo – o que se torna um fardo em sua luta por reconhecer e afirmar sua identidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (Coleção Feminismos Plurais).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, Juliano. **Mussum forévis: samba, mé e trapalhões**. São Paulo: Editora Leya, 2014.

BARROS, Douglas Rodrigues. **Lugar de negro, lugar de branco? esboço para uma crítica à metafísica racial**. São Paulo: Editora Hedra, 2019.

BONA, Rafael. Intertextualidades midiáticas na narrativa do cinema de Os Trapalhões (1987- 1989). *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 17., 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...] Curitiba: Intercom, 2016. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0178-1.pdf>. Acesso em: 06 abril 2023.

CARRICO, André. **Os Trapalhões: uma leitura da comédia popular brasileira**. Natal: EDUFRN, 2020.

DELEUZE, Giles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidar de si**. v. 3. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**! 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

_____. **Um brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: Editora É Realizações, 2010.

GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. **Conversations, Projects and Legacies**. New York: Goldsmiths Press, 2017.

LE MOS, F. C. S. História, cultura e subjetividade: problematizações [online]. **Revista do Departamento de Psicologia-UFF**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 61-68, jan./jun., 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdpsi/a/R3FtDwqRKHwVjv9h9dTX9Vj/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

MOISÉS L. **Racismo nos trapalhões com o pobre do Mussum**. *Youtube*, [2011?]. Digital (17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6lbMszBC6r8&ab_channel=MoisesL. Acesso em: 22 jan. 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Editora Pólen, 2019. 175 p. (Coleção Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora: Global Páginas, 2006.

_____. **Sobre o óbvio**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ROLNIK, Suely. O inconsciente colonial capitalístico. *In*: _____. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2018. p. 14-27. *E-book*.

SIEBRA, Gilca Bezerra Alves. **Estereótipos na programação televisiva infantil: a trapalhada de Os Trapalhões**. Orientador: Prof. Dr. Marcos Emanuel Pereira. 2005. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e do Trabalho) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/gilca_siebra.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.





LESTU
Publishing Company



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO

ISBN: 978-65-85729-05-5

